



Representações do patrimônio cultural no audiovisual joinvilense contemporâneo

Maurício Biscaia Veiga¹

Resumo: O presente trabalho visa trazer reflexões acerca do audiovisual como construtor de memórias sobre a história e como forma de valorização do patrimônio cultural, a partir da produção audiovisual contemporânea realizada através dos Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura (SIMDEC), na cidade de Joinville. Implantado em 2006, desde então mais de cinquenta trabalhos audiovisuais de vários autores foram realizados com tais recursos, resultando numa produção bastante plural, incluindo filmes ficcionais e documentários, grande parte deles falando sobre a própria cidade, e com temáticas diversas. Semelhanças entre algumas produções quanto à sua categorização podem ser percebidas, como documentários educacionais sobre sambaquis, documentários sobre edificações e lugares históricos ou sobre práticas culturais e fazeres tradicionais, ou ainda ficções que utilizam lugares patrimonializados como elemento narrativo ou como cenário. Considerando que tais obras foram aprovadas em um processo seletivo com edital público, busca-se assim compreender, a partir da análise dos filmes, que temáticas e formas de representação têm sido priorizadas na seleção dos projetos, e como as memórias sobre a cidade e sua história construídas e divulgadas através dos filmes representam e dialogam com a Joinville das primeiras décadas do século XXI, sem deixar de considerar tensionamentos, disputas de memória e narrativa e silenciamentos.

Palavras-chave: Produção audiovisual; Joinville; Patrimônio cultural; Memória.

Este trabalho é parte de pesquisa de doutorado em andamento que visa analisar as representações sobre a cidade de Joinville (SC) em diferentes obras audiovisuais, partindo da premissa de que o cinema (bem como outros produtos audiovisuais) influenciam na construção de memórias e imaginários sociais a respeito do tema retratado. A partir das discussões trazidas por autores como Stuart Hall (2016), entende-se o conceito de *representação* como a “produção de sentido pela linguagem” (HALL, 2016, p. 32). Ainda conforme definição apresentada pelo autor, “representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos. [...] também significa simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela ser uma amostra ou um substituto” (idem). Assim, trazendo esta discussão para o campo dos estudos visuais e das relações entre história e

¹Mestre em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Ambos com bolsa CAPES.

cinema, proponho aqui pensar nas representações do patrimônio cultural joinvilense na produção audiovisual contemporânea realizada na cidade.

Uma das etapas da pesquisa de doutorado realizada até o momento foi o levantamento e catalogação de filmes e vídeos produzidos em Joinville desde a década de 2000 até a atualidade. Este período é marcado por uma ampliação do cenário da produção audiovisual na cidade, sendo um dos principais fatores que contribuiu para tal a criação do Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura (Simdec), a partir de lei municipal implementada em 2006. Com o propósito de destinar parte do orçamento do município à produção cultural e artística da cidade, dois mecanismos de financiamento foram criados e implementados através do Simdec: um de destinação direta de recursos e outro baseado em captação e renúncia fiscal (CHATI, 2012), financiando projetos de diversas modalidades, entre as quais se inclui a de *audiovisual*. A criação do sistema e sua implementação no município, no início dos anos 2000, como aponta Chati (2012), estava em sintonia com as políticas públicas desenvolvidas a nível nacional, pelo Ministério da Cultura, a partir da gestão de Gilberto Gil, durante o primeiro governo Lula (2003-2006), na qual “irá se desenhar um projeto de intervenção sistemática do Estado na área cultural” (CHATI, 2012, p. 37), visando assim ampliar e democratizar o acesso à produção e consumo de bens culturais, além de entender o próprio papel da cultura como catalisador e propulsor do desenvolvimento social.

No levantamento realizado, pude identificar sessenta projetos audiovisuais produzidos entre 2006 e 2023 financiados através dos mecanismos do Simdec, resultando numa produção bastante diversa e que inclui curtas e longas metragens, tanto ficcionais como documentários, abrangendo temas diversos. Esta quantidade e diversidade não é algo a ser desprezado, considerando que Joinville não possui qualquer tradição de uma produção cinematográfica sistemática e consolidada. Deste modo, dentro de uma perspectiva da história cultural, um dos objetivos desta fase da pesquisa é compreender os produtos resultantes na categoria audiovisual a partir do contexto social de onde surgiram, de modo a perceber como eles dialogam com questões presentes na sociedade no seu momento de produção, bem como as tensões e disputas que podem estar envolvidas ao longo deste processo.

Embora na seleção dos projetos a serem contemplados pelo Simdec não seja um critério que eles tratem de temas relativos ao município, verifica-se que, pelo menos no que tange ao audiovisual, isto tem sido bastante recorrente desde suas primeiras edições, com

aproximadamente metade dos filmes abordando temas relativos a Joinville, uma vez que os proponentes e realizadores são, de modo geral, pessoas ativas na produção artística e cultural da cidade. Cabe ainda frisar que os projetos financiados pelo Simdec, de todas as categorias, embora financiados com recursos públicos, não representam visões do poder público, cujo papel é lançar editais de ampla concorrência e selecionar, a partir de critérios estabelecidos, projetos enviados por membros da sociedade civil, priorizando a pluralidade e diversidade de grupos contemplados.

Dentre as obras audiovisuais que trazem aspectos de Joinville como temática, há uma determinada quantidade deles que trazem discussões relativas ao patrimônio cultural, embora nem sempre como tema principal ou explícito, mas retratando-o de forma tangencial ou como pano de fundo. Além disso, pode-se perceber que alguns filmes ficcionais se utilizam de lugares e edificações patrimonializados como locação e cenário, inserindo assim uma representação do patrimônio material joinvilense, mesmo que não seja como principal temática. Importante também ressaltar que aqui pode-se entender por *patrimônio*, não apenas bens materiais e imateriais oficialmente reconhecidos como tal através dos mecanismos de tombamento e registro, mas a partir de uma perspectiva mais ampla que compreende o conceito como bens materiais ou manifestações culturais representativos da memória e da identidade de um determinado grupo ou sociedade.

Antes de apresentar os filmes, cabe ainda destacar que também ao longo das últimas duas décadas, houve, como descreve Machado (2018), um maior desenvolvimento das políticas patrimoniais no município. Segundo o autor, em 2003, foi implementado um sistema municipal de tombamento, de modo que, somados aos três bens tombados pela esfera federal ao longo do século XX e aos 42 tombados na esfera estadual em 1996 e 2001, “até o início de 2018, foram tombados pelo município de Joinville 78 bens imóveis e dois bens móveis” (MACHADO, 2018, p. 127), resultando no que ele descreve como uma “inflação patrimonial” (idem, p. 126). O autor analisa ainda campanhas publicitárias de educação patrimonial vinculadas pela extinta Fundação Cultural de Joinville² nos anos 2000, apontando que a retórica empregada naquele momento, buscava ir além do discurso recorrente de se narrar o

²Criada através de lei municipal em 1996, a Fundação Cultural de Joinville foi, em 2017, extinta em reforma administrativa de orientação neoliberal, sendo fundida à Fundação de Promoção e Planejamento Turístico de Joinville, criando a Secretaria de Cultura e Turismo (Secult). Com grande oposição de artistas e produtores culturais, a medida é até hoje vista por eles como uma medida autoritária e um grande retrocesso, tendo havido perda de autonomia do setor cultural no município.

passado pelas memórias da imigração europeia, passando “a defender a ideia de ‘diversidade’, buscando abranger territórios fraturados e memórias múltiplas em uma cidade ‘cosmopolita’” (idem, p. 129-130).

Chati (2012) analisa como esta concepção de cultura com foco na diversidade seria oficializada pelo município com a instituição do Sistema Municipal de Cultura (SMC), a partir de lei implementada em 2010³, sendo tanto o Simdec como o COMPHAAN⁴, alguns de seus braços administrativos. Em 2012, é criado o Plano Municipal de Cultura, cuja lei⁵ cita como um de seus propósitos “fomentar a cultura de forma ampla, por meio da promoção e difusão, da realização de editais e seleções públicas para o estímulo a projetos e processos culturais”, bem como “proteger e promover a diversidade cultural, a criação artística e suas manifestações e as expressões culturais, [...] de todos os grupos em suas derivações étnicas e sociais, reconhecendo a abrangência da noção de cultura e garantindo a multiplicidade de seus valores e formações”.

A partir disso, o que procuro aqui é, utilizando-se dos próprios filmes como fontes históricas visuais, refletir acerca das formas de representação do patrimônio cultural joinvilense, analisando como as narrativas fílmicas, através dos elementos próprios da linguagem cinematográfica, se apropriam de seu tema e o apresentam ao público. Uma questão a ser investigada é se os filmes a ser analisados trazem de alguma forma este olhar mais aberto a uma concepção ampla e diversa de cultura. Trabalho aqui com a hipótese de que em parte destes filmes, mesmo que busquem trazer um olhar mais amplo, ainda assim, principalmente através de seus elementos estéticos, acaba por se sobressair uma maior valorização dos discursos tradicionais. Parto assim da ideia de que, como aponta Meneses (2003), imagens (de qualquer espécie) não carregam sentidos como algo intrínseco a elas, pois “não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas” (MENESES, 2003, p. 28), de modo que “é a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente [...] determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los

³Lei Nº 6705, de 11 de junho de 2010. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/joinville/lei-ordinaria/2010/671/6705/lei-ordinaria-n-6705-2010-institui-o-sistema-municipal-de-cultura-e-dispoe-sobre-as-diretrizes-composicao-e-funcionamento-do-conselho-municipal-de-politica-cultural-e-da-outras-providencias>. Acesso em 03 Nov. 2023.

⁴ Comissão do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural do Município de Joinville - COMPHAAN.

⁵Lei Nº 7258, de 05 de julho de 2012. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/joinville/lei-ordinaria/2012/725/7258/lei-ordinaria-n-7258-2012-institui-o-plano-municipal-de-cultura-de-joinville-e-da-outras-providencias>. Acesso em 03 Nov. 2023.



atuar” (idem).Entende-se deste modo queos filmes joinvilenses atuam na construção e reprodução de significados acerca dos lugares e bens patrimoniais apresentados, ao mesmo tempo em que silenciam sobre outros, atuando assim em uma espécie de disputa pela memória. E mesmo com relação ao que é mostrado, deve-se também considerar, tal como destaca Morettin (2011) o caráter polissêmico da imagem em um filme, podendo assim haver tensões e fissuras dentro de uma mesma representação.

Trago a seguir uma proposta de categorização dos filmes com relação às diferentes tipologias patrimoniais retratadas, para em seguida se debruçar em alguns exemplos e propor algumas análises iniciais. Considerando o patrimônio material (edificado, paisagístico, arqueológico etc.) e o imaterial (manifestações culturais, o saber fazer etc.) como diferentes tipologias de patrimônio cultural, pode-se perceber a representação de ambos nos filmes analisados. Por vezes o enfoque do filme é mais em umadeterminada tipologia do que em outras, de modo que a categorização aqui proposta se dá a partir do principal tema retratado, sem desconsiderar a inter-relação entre o material e o imaterial, não podendo eles ser totalmente desvinculados um do outro.Assim, pode-se pensar em três categorias de representação nos filmes: patrimônio arqueológico, patrimônio imaterial e patrimônio material edificado. Ressalto novamente que este é apenas um recorte dentre as sessenta produções realizadas através do Simdec.Destaco ainda que a maioria dos filmes listados na tabela se encontram acessíveis ao público na internet.

Tabela: Filmes realizados através do Simdec que retratam o patrimônio cultural joinvilense

Título	Ano	Direção	Duração (min)	Categoria
Representações do patrimônio arqueológico (Sambaquis)				
Sambaquianos - Nosso povo, nossa história	2009	Henrique Tobal Neto	25	Documentário / educativo
Sambaquianos II - Nosso povo, nossa história	2011	Henrique Tobal Neto	28	Documentário / Educativo
Sambaqui de Cubatão (Quem morou nesse morro?)	2013	Joca Veiga & Roberta Meyer	48	Documentário
Sambaqui - Sociedade redescoberta	2019	Thiago Bezerra Benites	21	Documentário
Representações do patrimônio imaterial				



Do cais ao mercado	2010	Henrique Tobal Neto	25	Documentário
Do tacho à mesa	2015	Talita Rodrigues	46	Documentário
Coors, Cheiros e Sabores para se sentir no cinema - A Imaterialidade do Mercado Público	2020	Ebner Gonçalves	? ⁶	Documentário
Representações do patrimônio edificado				
Sob o céu de Joinville	2008	Rodrigo Falk Brum	16	Documentário / Sinfonia urbana
Nossos compositores pioneiros	2011	Ebner Gonçalves	40	Documentário / Musical
Serenata	2012	Juliano Lueders	14	Drama / Romance Fantasia
Cronosofia - Há um tempo para tudo	2019	Anderson Dresch	20	Drama / Romance/ Fantasia
Uma carta para Ferdinand	2020	Anderson Dresch	95	Comédia

Fonte: Autoria própria

Mesmo que na maioria dos filmes acima listados o foco principal da narrativa não seja o patrimônio, entende-se, no entanto, que suas aparições nos mesmos acabam por servir como suportes de memória de sua imagem em determinado tempo, tanto no seu aspecto visível como também nos aspectos simbólicos, a partir dos significados a eles atribuídos ou construídos pela narrativa fílmica. Como analisa Azevedo (2022),

o registro visual de determinado bem patrimonial, por meio da fotografia ou demais recursos imagéticos, é responsável pela consagração de sua existência, pela afirmação de sua impermanência temporal e importância memorial para a sociedade, além de carregar consigo uma trajetória única, que relaciona aqueles que produzem a imagem a quem são registrados, portanto dotado de significados e sentidos sociais (AZEVEDO, 2022, p. 59).

Além disso, ao inserir tais temáticas e imagens em obras audiovisuais, estas funcionam também como uma espécie de mediador entre o patrimônio e o público, que pode, por meio dos filmes, vir a ter um primeiro ou um maior contato com os bens patrimoniais a partir de suas representações. Com base nestas reflexões, proponho, a partir deste momento, pensar acerca das representações patrimoniais de alguns dos filmes listados na tabela, analisando a forma com sua narrativa e estética trazem o tema ao público. Ressalto, no

⁶ Informação não encontrada até o fechamento deste texto, uma vez que o filme não se encontra disponibilizado online, não tendo obtido acesso ao mesmo.



entanto, que, neste trabalho, devido ao pequeno espaço, é trazida mais uma apresentação introdutória sobre os filmes do que uma análise aprofundada, ficando esta para trabalhos futuros.

Algo que se destaca em uma primeira análise de todos os títulos das produções audiovisuais realizadas através do Simdec, é a existência de quatro documentários sobre os sambaquis, antigos sítios arqueológicos constituídos por morros artificiais construídos com conchas e outros materiais, e que guardam vestígios dos povos que habitaram a região litorânea do sul do Brasil há cerca de 5000 anos, havendo 41 deles em Joinville⁷. Trazendo diferentes abordagens, uma questão que parece estar presente na concepção de todos estes filmes é como apresentar ao público contemporâneo uma cultura tão diferente e tão distante no tempo, mas que habitou o mesmo espaço de onde hoje se ergue uma grande cidade e seus arredores, buscando assim mostrar a este público a importância da preservação de tais sítios e dos artefatos remanescentes.

É possível perceber nos filmes formas distintas de dialogar com o público. *Sambaquianos - Nosso povo, nossa história* (2009), por exemplo, para apresentar e explicar quem eram e como viviam aqueles povos, têm como foco principal não os sítios arqueológicos (embora os apresente em algumas imagens), mas o espaço e o acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui, podendo ser até mesmo percebido como um filme institucional do mesmo. Sua construção narrativa é centrada em um quinteto de crianças (duas meninas e três meninos, sendo um deles negro, o que demonstra uma preocupação da produção em trazer uma maior diversidade) que, motivadas pela curiosidade ao passarem por um caminho cheio de conchinhas no chão, vão sozinhas ao museu e olham interessadas para os objetos expostos. A partir de então, a montagem alterna perguntas feitas pelas crianças (que se expressam de forma visivelmente decorada e sem muita autenticidade na curiosidade que a narrativa sugere que elas sentem) e as respostas dadas, com certa formalidade, pelos pesquisadores e especialistas que trabalham no museu. Enquanto eles explicam, além de mostrá-los em primeiro plano, vão se alternando imagens de artefatos, dos sítios arqueológicos e também de uma encenação (com imagens desfocadas) sobre como viveriam os sambaquianos, remetendo aos dioramas característicos de museus antropológicos. Considero que esta opção narrativa de se representar uma espécie de passeio pelo museu intercalando-se perguntas e respostas pode acabar, no entanto, por reproduzir uma visão conservadora a

⁷https://www.visitejoinville.com.br/local/museu_arqueologico_de_sambaqui_de_joinville. Acesso em 01 Nov. 2023.



respeito desta instituição, sendo assim pouco atrativa para crianças e jovens. Será que o filme instigaria este público a realizar a visita?

Já *Sambaqui de Cubatão (Quem morou nesse morro?)* (2013) traz uma outra proposta estética e narrativa para responder as perguntas “quem eram” e “como viviam” os sambaquianos. Focado mais no próprio sítio arqueológico que dá nome ao documentário do que no museu, vemos ao longo do filme uma apresentadora *ain loco* que se move pelo espaço e que dialoga diretamente com a câmera. Assim, o filme apresenta uma linguagem mais próxima de uma reportagem jornalística, do que de um filme educativo, embora tenha também um caráter didático, trazendo entrevistas com vários especialistas, sendo alguns deles os mesmos vistos em *Sambaquianos*. Além disso, vai mostrando o trabalho dos arqueólogos nos processos de escavação e catalogação dos artefatos encontrados, visando criar uma aproximação com o público mostrando esta profissão tão pouco compreendida pela população em geral. E também o ato de levar o espectador até o próprio sítio, que é bastante afastado do centro urbano e pouco acessível, sugere a ideia de que nos próprios locais onde habitamos existem “tesouros” antigos a serem descobertos, o que é reforçado pelas imagens que buscam evidenciar a monumentalidade do Sambaqui de Cubatão, especialmente na imagem aérea que abre o filme, circulando o morro e mostrando como as pessoas são pequenas comparadas a ele. Ao longo do filme, vai-se compreendendo que aquela estrutura não é natural, tendo sido construída com intenções por serem ainda descobertas pelos pesquisadores. O filme chama também a atenção para a importância de haver um maior envolvimento do governo federal nas pesquisas e na preservação dos sambaquis, visto que sua importância vai muito além da esfera local.

Partindo para discussões a respeito do patrimônio imaterial, o documentário *Do tacho à mesa* (2015) é bastante centrado nesta temática, tendo o “saber fazer” na centralidade de sua narrativa. Como já sugerido pelo próprio título, o filme mostra os processos de produção artesanal de produtos coloniais, como pães, geleias e cucas, em comunidades na região rural de Joinville, mostrando cenários bucólicos de lugares tranquilos e pouco alterados pela dinâmica da cidade grande. Ao longo do filme, são entrevistados vários trabalhadores, mostrando como a maioria deles atua em pequenos negócios familiares, de modo que mantém a estruturado regime de pequena propriedade familiar vigente durante a colonização germânica na região, no século XIX. Sem a presença de um narrador, o espectador ouve e vê os próprios produtores explicando como é seu trabalho, mostrando os ingredientes e os



equipamentos que usam, e como preparam os alimentos, numa perspectiva de valorizar estas pessoas como detentoras de um conhecimento tradicional ameaçado pelas tecnologias modernas. O filme serve assim como um registro memorial deste “saber fazer”. Pois, como aponta Azevedo (2022, p. 54), “a materialidade dos registros imagéticos se ampara no sentido que é dado a fotografias, vídeos e demais produções audiovisuais, como veículos de transmissão de conhecimento, como suporte que auxilia na preservação da sabedoria popular, da memória coletiva”. No trecho final do filme, os entrevistados, muitos deles idosos, demonstram sua preocupação com a continuidade de seu trabalho, visto que poucos jovens têm tido interesse em trabalhar na área, mostrando-se também bastante cientes das dificuldades de se concorrer com a indústria alimentícia, defendendo a união dos produtores em associações e cooperativas.

Outro filme que discute questões que dialogam com a temática do patrimônio imaterial é o documentário *Do cais ao mercado* (2010), que conta a história do Mercado Municipal, que havia recém completado seu centenário. O argumento defendido no filme, embora não seja dito explicitamente desta forma, é que o mercado seria um dos principais lugares constituintes de uma “identidade joinvilense”. Narra, assim, a grande importância para a economia da cidade e como ponto de encontro da comunidade ao longo do século XX, chegando ao século XXI como um local representativo de uma diversidade cultural, mostrando, inclusive, como a comunidade negra se apropriou do espaço e o transformou em um reduto do samba em plena “cidade tipicamente germânica”, como um dos entrevistados faz questão de lembrar. Tal filme é, talvez, um dos mais representativos da hipótese defendida neste texto sobre o discurso tradicional de valorização do imigrante europeu se sobressair mesmo quando a diversidade cultural é apresentada. Apesar de o mercado contemporâneo ser mostrado de forma alegre e celebrativa através do samba e do carnaval, fica bastante nítido o contraste com a primeira metade do filme, que conta a história do mercado no século XX com um tom saudosista de algo que se perdeu. Este discurso pode ser percebido tanto pelos relatos dos entrevistados (grande parte, mas não apenas, homens brancos idosos), como também pelas fotografias antigas e a trilha sonora instrumental, elementos que retornam no encerramento do filme, sugerindo que, apesar do que o local se tornou na contemporaneidade, a verdadeira alma do mercado se encontraria na memória daquilo que ele não é mais. Assim, o filme começa mostrando o passado, chega ao presente e se volta novamente para o passado no final. Além disso, não problematiza a construção da atual edificação, em 1982, como um



empreendimento para se reforçar esteticamente a ideia de “cidade germânica”, limitando-se o narrador a dizer que “o mercado velho foi demolido, e em seu local, construído o prédio atual, obedecendo fielmente o estilo germânico”⁸. Ou seja, apesar das práticas culturais diversas realizadas no mercado contemporâneo, sua visualidade expressa o discurso dominante, ideia esta também contida no filme.

Curiosamente, embora, como visto, tenha havido na cidade ao longo do período estudado uma maior valorização do patrimônio edificado, com dezenas de novos tombamentos efetivados, não há nenhum filme produzido através do Simdec focado nesta temática. Entretanto, representações de edificações históricas podem ser vistas em alguns destes filmes. Destaco aqui três nos quais as imagens do patrimônio edificado têm um importante papel simbólico em sua construção narrativa, mesmo que não seja o seu foco principal. São eles *Sob o céu de Joinville* (2008), *Nossos compositores pioneiros* (2011) e *Uma carta para Ferdinand* (2020), três filmes com propostas completamente distintas, mas que têm em comum uma perspectiva de valorização da narrativa tradicional que monumentaliza a figura do imigrante europeu, sendo dois deles de forma bastante explícita, como visto a seguir. Para abordar estas representações nestes filmes, proponho algumas categorias de análise para se pensar suas imagens. Primeiramente, a de *cinema-postal*, trazida por Kaminski & Busardo (2021), em que a forma como as cidades são representadas remetem às imagens idealizadas dos cartões-postais, muitas vezes recortando as edificações históricas de seu contexto na paisagem urbana. E ainda a ideia de *monumentalização do passado*, bem como o seu contraponto de *desmonumentalização*, tal como abordado por Napolitano (2011). Em sua análise, o autor utiliza estas categorias para se referir a filmes que encenam o passado e personagens históricos. Aqui, no entanto, são trazidas para se pensar sobre como os filmes citados, que mostram a cidade do presente, trazem uma perspectiva de monumentalização dos elementos do passado que são ali mostrados.

Dentre os três filmes aqui analisados, *Sob o céu de Joinville* (2008) é o que traz tal ideia de forma menos evidente do que os outros dois e até traz alguma subversão à ideia de *monumentalização*. O filme é uma *sinfonia urbana*, gênero cinematográfico que havia sido bastante comum no cinema silencioso dos anos 1920, sendo declaradamente inspirado nos seus principais representantes: o alemão *Berlim, sinfonia da metrópole* (1927) e o soviético *Um homem com uma câmera* (1929). Tal como nestas obras, *Sob o céu de Joinville* traz a própria

⁸ Sobre esta questão arquitetônica do Mercado Municipal, ver minha dissertação de mestrado: VEIGA, 2013.



cidade como personagem, somente com imagens e música, sem texto escrito ou falado, tendo como narrativa a dinâmica urbana ao longo de um dia de trabalho. Dentre as várias imagens apresentadas, mostrando diversas facetas da cidade, há a presença de várias representações de edificações históricas. Embora se inicie, em seu primeiro ato, trazendo uma perspectiva que dialoga com as ideias de *cinema-postal* e de *monumentalização*, esta imagem é quebrada mais adiante quando são também reveladas as partes “feias” da cidade, em que a pobreza e o trabalho precarizado se fazem evidentes, de modo que se acaba por subverter as narrativas e as representações tradicionais. E sobre o patrimônio edificado, embora algumas imagens se aproximem bastante dos enquadramentos típicos de cartão-postal, por vezes são também mostrados sob ângulos pouco usuais, ou como silhuetas, ou de forma fragmentada, ou ainda inseridos quase que de forma aleatória na paisagem, mas ainda assim criando uma ideia de valorização de um passado tradicional da cidade por meio de seu patrimônio arquitetônico. E isto é ainda mais reforçado na última cena, em que é dado grande destaque ao Monumento ao Imigrante, inaugurado em 1951 nas comemorações do centenário da cidade, sugerindo assim que nada do que fora visto pelo espectador até aquele momento existiria não fosse o árduo trabalho dos pioneiros. Esta narrativa, amplamente disseminada e presente no filme, de enaltecimento do imigrante europeu traz, no entanto, diversos silenciamentos sobre outros grupos que compuseram a cidade.

Já o documentário *Nossos compositores pioneiros* (2011), idealizado pelos músicos Claudenor Fávero e Raimundo Bernardes, consiste em uma espécie de “resgate” da música instrumental produzida em Joinville nas primeiras décadas do século XX, período marcado pela presença hegemônica de uma cultura germânica na cidade. A montagem do filme vai alternando entrevistas (com os dois músicos e com descendentes dos compositores e musicistas daquela época) e as próprias músicas sendo executadas num dueto de violões, com a proposta de trazer ao público contemporâneo um cenário musical e cultural já esquecido. Deste modo, o foco temático e narrativo do filme é a música. Entretanto, quase todas as cenas com as performances dos músicos foram filmadas em diversas edificações históricas, seja frente a elas ou em seu espaço interno, e geralmente com enquadramentos de cartão-postal. Nada é dito sobre elas, mas a sua imagem é utilizada como cenário, de modo a criar uma conexão visual entre a cidade do presente e a do passado do qual esta música fazia parte, sem que, no entanto, tenha existido uma relação direta da música com tais locais.



Um dos números musicais, por exemplo, é executado frente aos fornos industriais do atual Parque Caieira, anteriormente uma área industrial de produção de cal a partir de conchas retiradas de sambaquis na região. O parque hoje preserva o pouco que restou no local dos sambaquis, bem como o patrimônio industrial⁹. O filme, no entanto, cria uma relação fictícia entre a música que fazia parte do circuito cultural das elites da cidade e um local que tais elites (exceto os donos e administradores da fábrica) certamente não frequentavam. Além disso, pode-se supor que os trabalhadores da fábrica (que provavelmente tinham más condições de trabalho) não tinham acesso aos clubes e salões onde tais músicas eram performadas. Outras cenas poderiam ser aqui analisadas, mas destaco que, tanto através da música como das imagens do patrimônio ali inseridas, o filme constrói também uma visão saudosista de um passado que se perdeu, monumentalizando tal memória. Além disso, há um silenciamento sobre a Campanha de Nacionalização durante o Estado Novo, que marca o fim da hegemonia cultural alemã na região e, em consequência, das associações e clubes que a promoviam¹⁰. Ou seja, “resgata-se” um passado perdido através de sua estética, descontextualizado de seu contexto político.

Por fim, um outro filme que também traz uma imagem monumentalizada da cidade por meio de uma estetização das representações do patrimônio edificado (além de outros artifícios narrativos) é o longa-metragem ficcional *Uma carta para Ferdinand* (2020). Trata-se de uma comédia com elementos fantásticos, na qual um personagem histórico do passado da cidade, Frederic Brustlein, administrador da então Colônia Dona Francisca, no século XIX, retorna à cidade do presente, para verificar como a cidade que ele ajudara a projetar se desenvolveu no século seguinte à sua morte. Ao longo de um dia, ele e seu assistente caminham pelas ruas da cidade, conversando com as pessoas e descobrindo e se encantando com as tecnologias e facilidades da vida moderna. Em suas caminhadas, a câmera costuma dar grande destaque a edificações históricas, além do uso, em algumas cenas, de imagens aéreas mostrando algumas delas, também reforçando o seu caráter de monumentalidade. Também há na concepção narrativa do filme uma preocupação em representar a Joinville contemporânea como uma cidade diversa e plural, com a presença de “tribos urbanas” (skatistas e motoqueiros) e práticas culturais periféricas, como um concurso de *rap*, ao mesmo tempo em que todo o seu discurso narrativo e imagético remete também ao enaltecimento do

⁹ Sobre o Parque Caieira, ver: https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/caieiras/passado.html. Acesso em 07 Nov. 2023).

¹⁰ Sobre o impacto cultural da Campanha de Nacionalização em Joinville, ver Bruhns, 1997.

imigrante europeu e seu patrimônio. Com cenas que dão destaque, por exemplo, ao Monumento ao Imigrante, ou ainda ao Cemitério do Imigrante (este reconhecido como patrimônio nacional pelo IPHAN), o filme, de forma teleológica, olha para um determinado passado para explicar o desenvolvimento presente da cidade, reforçando o discurso histórico hegemônico que supervaloriza determinados elementos e silencia sobre tantos outros.

Como dito anteriormente, o que procurei aqui foi mais trazer uma reflexão inicial acerca da problemática apresentada do que trazer uma análise aprofundada sobre cada um dos filmes citados, algo que deve se desdobrar em artigos futuros. E considerando que nas políticas patrimoniais, a seleção do que é oficialmente reconhecido como patrimônio, durante muito tempo, tendeu-se a valorizar bens que reforçavam as narrativas das elites políticas e econômicas, percebe-se que esta tendência continua a ser reproduzida nas suas representações em parte dos filmes joinvilenses contemporâneos, apesar da retórica da diversidade. Não se está querendo defender que tal patrimônio não deva ser valorizado em narrativas fílmicas, mas que devemos lembrar que, tal como advertiu Benjamin (2012), todo documento de cultura é também um documento de barbárie, e no patrimônio joinvilense, isto não seria diferente.

Referências

AZEVEDO, Pierre de Aguiar. **O carimbó e a representação da imagem para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Patrimônio Cultural), Belém, Universidade Federal do Pará, 2022.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BRUHNS, Katianne. **Espaços de sociabilidade e o idioma - A campanha de nacionalização em Joinville**. Dissertação (Mestrado em História), Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

CHATI, Gabriel Medeiros. **O processo de implementação do sistema municipal de desenvolvimento pela cultura em Joinville-SC**. 184 f. (Dissertação de mestrado). Programa de Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

KAMINSKI, Rosane; BUSNARDO, Larissa. Um cinema-postal: As cidades do Paraná, de João Baptista Groff (1936). *In: Vivomatografias: Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, Buenos Aires, año 7, n. 7, p. 6-39, Dez. 2021.



MACHADO, Diego Finder. **Marcas da profanação:** versões e subversões da ordem patrimonial de Joinville - SC. Tese (Doutorado em História). Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 23, n. 45, Julho de 2003.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. *In:* CAPELATO, M. H; MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; SALIBA, E. T. (Orgs.). **História e Cinema.** São Paulo: Alameda, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado: uma análise comparada de *Amistade Danton*. *In:* CAPELATO, M. H; MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M.; SALIBA, E. T. (Orgs.). **História e Cinema.** São Paulo: Alameda, 2011.

VEIGA, Maurício Biscaia. **Arquitetura neo-enxaimel em Santa Catarina:** a invenção de uma tradição estética. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte), São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.

Filmes

DO CAIS ao mercado. Direção: Henrique Tobal Neto. Produção: Intervalo Filmes. Brasil, 2010. 26 min. Disponível em <https://vimeo.com/20536070>. Acesso em 20 Nov. 2023.

DO TACHO à mesa. Direção: Talita Rodrigues. Produção: RECTA Filmes. Brasil, 2015. 46 min. Disponível em <https://vimeo.com/128809438>. Acesso em 20 Nov. 2023.

NOSSOS compositores pioneiros. Direção: Ebner Gonçalves. Produção: PhotoCinearte. Brasil, 2011. 40 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CzPONKKCYkc&t=1357s>. Acesso em 20 Nov. 2023.

SAMBAQUI de Cubatão. Direção: Joca Veiga e Roberta Meyer. Produção: Não encontrado. Brasil, 2013. 48 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tQ5oPU7UI5c>. Acesso em 20 Nov. 2023.

SAMBAQUIANOS, Nosso povo, nossa história. Direção: Henrique Tobal Neto. Produção: Intervalo Filmes. Brasil, 2009. 25 min. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=QIHJhTadvYA&ab_channel=Iphangovbr. Acesso em 20 Nov. 2023.

SOB O céu de Joinville. Direção: Rodrigo Falk Brum. Produção: Intervalo Filmes. Brasil, 2008. 16 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nEIETMXEbaE>. Acesso em 20 Nov. 2023.

UMA CARTA para Ferdinand. Direção: Anderson Dresch & Fábio Cabral. Produção: Ocotea Filmes. Brasil, 2020. 95 min. Disponível em <https://www.primevideo.com/>



V SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO
TEMPO PRESENTE**
EPISTEMOLOGIAS DO SUL GLOBAL

ISSN: 2237-4078

[dp/amzn1.dv.gti.4cba280c-9757-f689-7e40-7a43fbba7b2f?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb.](https://doi.org/10.1111/dv.gti.4cba280c-9757-f689-7e40-7a43fbba7b2f)
Acesso em 20 Nov. 2023.